

REVISÃO DE TEXTOS E DESIGN INSTRUCIONAL: A TRANSVERSALIDADE DA TECNOLOGIA NO TRABALHO DO REVISOR DE MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS

BELO HORIZONTE/MG MAIO/2017

**ROSANA APARECIDA LEANDRO DA SILVA - EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS -
professorarosanaaleandro@gmail.com**

Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)

Natureza: PLANEJAMENTO DE PESQUISA

Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS

Setor Educacional: EDUCAÇÃO CORPORATIVA, EDUCAÇÃO CONTINUADA EM GERAL

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a transversalidade da tecnologia no trabalho do revisor de textos de materiais didáticos digitais numa perspectiva integrada à necessidade de atuação desse profissional para um resultado qualitativo. Destaca-se a necessidade de se conceber a tecnologia como apoio ao trabalho do revisor, mas, por si só, o recurso tecnológico não garantirá a mesma qualidade advinda da análise linguística do profissional.

Palavras-chave: Revisão de textos. Material didático digital.

1 INTRODUÇÃO

Todo texto que se tornará público carece de um olhar atencioso e profissional. A questão não é diferente na produção de materiais didáticos, principalmente os digitais. Mesmo estando o designer instrucional muito bem preparado e amparado por bons conteudistas e bons softwares, a produção linguística não está isenta de falhas. Por isso, o trabalho do revisor de textos será necessário, principalmente se esse profissional estiver habituado à análise linguística de materiais similares.

Esta pesquisa pretende analisar a transversalidade da tecnologia no trabalho do revisor de materiais didáticos digitais numa perspectiva integrada à necessidade de atuação desse profissional para um resultado qualitativo.

Considerando-se que o designer instrucional, muitas vezes, assume funções de conteudista e até revisor, cabe uma discussão sobre a efetividade das práticas de revisão de textos amparadas pela tecnologia.

No primeiro momento, apresenta-se a concepção de texto como um recurso inerente às questões e relações sociais. Abordam-se também os cenários atuais das leituras e do público leitor. Os aspectos linguísticos das etapas do processo revisional são tratados.

Em seguida, apresentam-se as contribuições da tecnologia para a revisão de textos, destacando a figura do revisor, bem como sua atuação em todo o processo.

2. O TEXTO COMO ELEMENTO SOCIAL POLIVALENTE

A noção de texto há muito vem sendo tratada por especialistas no meio acadêmico. O texto, em sua concepção máxima, pode ser entendido como um elemento social polivalente. Elemento social porque é constituído, em sua essência, da necessidade de interação entre os sujeitos do discurso; polivalente, porque o texto, interpretado como “unidade de sentido”, apresenta significados múltiplos sustentados por visões interdisciplinares com valores diferenciados a partir de cada área de atuação que analisará sua concepção teórica.

Os debates em torno das noções de gênero textual, das conciliações entre aspectos discursivos, gramaticais e semânticos fomentam a necessidade de estudos autônomos em relação aos processos que envolvem a criação dos textos, principalmente daqueles

com finalidade didática.

O aumento da oferta de cursos a distância promove a consolidação de novas formas de agir em relação ao texto, já que, ao mesmo tempo em que é um elemento social, o texto torna-se também um produto educacional.

Os meios impressos não foram – e estão longe de serem – substituídos integralmente pelo texto digital. Contudo, a possibilidade de apresentação do texto em formato digital, principalmente, do texto didático, requer “um saber agir” desde o planejamento do material, passando pela construção textual até sua consolidação para o aprendiz.

Seja no meio acadêmico, corporativo ou em cursos livres, milhares de cursos e recursos educacionais, nas mais diversas áreas do saber, são preparados para que se integrem a novos discursos e se transformem em produtos de construção do conhecimento.

Na corrente da produção didática, uma fase torna-se imprescindível para atender a demanda exigida pelo autor e pelo público: a revisão textual. Longe de se tornar dissociável do trabalho do designer instrucional, a revisão pode ser compreendida como momento específico da construção do texto. Essa etapa pode contar com profissionais diferentes ou com um mesmo profissional, ou seja, a equipe poderá contar, em condições ideais, com um revisor de textos. Pode ainda a função de revisão do material ser direcionada ao próprio designer instrucional. Em qualquer situação, há características peculiares na execução do processo. Em relação ao revisor e a participação ativa dele na construção textual, a pesquisadora Doutora Elzira Divina Perpétua destaca:

Contudo, ao revisor compete mais tarefas do que aquelas que nos acostumamos a testemunhar no visível dos textos. Além do censor da linguagem, pode-se pensar o revisor como alguém que, ao examinar um escrito para expurgar os erros, lança sobre ele uma nova visão, um novo olhar, que vai originar um outro texto. Para além das inadequações detectadas na concepção dessas escritas, é certamente o olhar de Narciso que as estará mirando. (PERPÉTUA, 2008, p. 25)

2.1 Cenários da leitura e do público leitor

A leitura pode, assim como o texto, ser vista sob o prisma da habilidade cognitiva, mas, aliada ao conceito da linguagem, torna-se um processo discursivo indispensável à formação intelectual e, por vezes, moral do sujeito.

Além do aparato cultural e didático, a leitura torna-se um excelente meio de desenvolvimento de outras habilidades linguísticas como a formação dos discursos através de produções orais e escritas e a aquisição de vocabulário. Othon M. Garcia salienta:

Parece não restar dúvida de que, dispondo de palavras suficientes e adequadas à expressão do pensamento de maneira clara, fiel e precisa, estamos em melhores condições de assimilar conceitos, de refletir, de escolher, de julgar do que outros cujo acervo léxico seja insuficiente ou medíocre para a tarefa vital da comunicação. (GARCIA, 2006, p. 173)

Intitulada *Retratos da Leitura no Brasil*, em sua 4ª edição, a pesquisa coordenada pelo Instituto Pró-livro (IPL) indica o comportamento dos leitores no país. Os estudos divulgados em 2016 revelam as condições atuais da quantidade e da qualidade das leituras da população brasileira com idade igual ou superior a cinco anos, independente de ser ou não totalmente alfabetizada.

Dentre os objetivos da pesquisa, revelou-se a necessidade de conhecer o comportamento da população leitora, principalmente, em relação aos livros e mensurar as condições de motivação para a leitura.

Alguns dados merecem destaque no ensejo da discussão sobre as práticas de leitura em meio digital. A pesquisa revelou um aumento entre a população de leitores de 50% na pesquisa de 2011 para 56% na pesquisa de 2015. Dos entrevistados, 41% já ouviram falar sobre o livro digital, contrapondo-se a 30% da pesquisa realizada em 2011; em 2015, 26% dos entrevistados já leram livros digitais. Dentre os tipos de livros digitais mais lidos, 21% são livros escolares ou didáticos, sendo que 15% consideram esses livros digitais como os que mais gostam de ler.

Essa mudança comportamental gera também a reflexão sobre o impacto da qualidade do material didático em todo o processo de produção.

2.2 Visões linguísticas em torno dos processos revisionais

Sempre que se trata dos processos de criação textual, evidenciam-se as discussões relacionadas às questões linguísticas: o rigor da norma, a maleabilidade e reconhecimento das variações da língua, as correntes e pressupostos teóricos, os elementos do processo discursivo.

Ao se tratar sobre as revisões de textos, principalmente didáticos, associam-se questões inerentes ao funcionamento dos sistemas linguísticos desses textos em meio digital: desde a linguagem dialógica até a sustentação teórica.

Como bem apresenta Alain Reyn: “Nenhuma língua escapa àqueles que a utilizam” (REYN apud BAGNO, 2011, p.113), o que significa que, antes de serem revisores, os profissionais são usuários da língua, são leitores com visões e formações diferenciadas. Suas intervenções, por mais propícias, estarão interligadas a muitos pressupostos ideológicos.

Ainda existe, obviamente, a concepção de que o bom revisor seria aquele que mais sabe “o português”. Não que se considere o conhecimento gramatical menos importante, mas a concepção da ideia de texto e, principalmente, o trabalho com ele exigem uma visão sistêmica da língua para reforçar a necessidade de uma interação consciente em relação ao texto do outro.

Observa-se uma necessidade de experiências com a diversidade de gêneros textuais, um contato que perpasse as deficiências teóricas e esteja além das discussões improdutivas acerca dos aspectos linguísticos de determinada língua.

Considerações sobre a importância de uma visão menos arraigada ao que é extremamente normativo são tratadas pelo professor, escritor e revisor Aristides Coelho Neto:

E ao revisor, o que fornecer? Parece-nos que é apreciável que o revisor deve conhecer as várias correntes, posicionar-se bem dentro de um contexto, tendo em mente a exata variedade linguística com que lida em um determinado trabalho de revisão textual. E desenvolver o bom senso, repetimos, cada vez mais, dentro de um processo democrático de interação revisor-autor ou revisor-editor. Trata-se do desenvolvimento necessário da visão crítica do revisor. (NETO, 2008, p.52)

Para todo exercício profissional, é fundamental domínio linguístico, no sentido de utilizar a linguagem de modo adequado à situação comunicativa, de transmitir a mensagem com a propriedade que lhe cabe. Contudo, para os profissionais de revisão de materiais didáticos, essa exigência torna-se mais evidente, visto que eles lidam com diversas manifestações textuais sejam em variadas mídias e, sobretudo, atendendo a conceitos essenciais ao desenvolvimento de materiais didáticos.

3 A CONTRIBUIÇÃO DA TECNOLOGIA PARA A REVISÃO DE TEXTOS

Nos tempos de surgimento da tipografia, a preparação intelectual era característica daqueles que se habilitassem a revisar textos. A inovação na arte de publicar ocasionou conflitos e revoltas, levando alguns impressores à condenação e à perda dos bens.

Na França, os impressores, devido ao impedimento do parlamento, passaram a exercer suas atividades de modo clandestino. Os revoltosos copistas não atendiam a demanda. E, aos poucos, as preferências da clientela permitiram o desenvolvimento da indústria tipográfica.

O desenvolvimento da indústria da impressão tipográfica e a prática de emendar (corrigir) a partir de provas de prelo – de prensa ou rolo – abriram campo para profissionais encarregados de acompanhar os autores na leitura das provas. Precursores dos atuais revisores de texto, eram eles comumente “os tipógrafos mais inteligentes e mais eruditos”. (NETO, 2008, p.27)

Para efetuar as correções dos erros de edição, usava-se a pena. Posteriormente surge a errata, o que, para muitos, era entendido como um atestado de incompetência. Contudo, houve inovação de métodos e técnicas a fim de contribuir com o aprimoramento dos processos de edição.

Para o exercício profissional, o revisor conta com uma série de ferramentas que tendem a facilitar o trabalho: dicionários eletrônicos e outros softwares, por exemplo, que podem sinalizar problemas linguísticos. Ainda assim, a máquina não substituirá o trabalho de análise do revisor.

A figura do revisor, como elemento fundamental do processo, prevalece de modo a ser ele o responsável para que a mensagem possa fluir sem desvios gramaticais, semânticos, linguísticos. A preparação desse profissional associa-se ao menor – ou inexistente – número de erros e inadequações.

São atribuições do revisor:

- Revisar os originais (ou provas, ou heliográficas, ou fotolitos) aprovados para edição por editoras, gráficas, agências de publicidade, autores, mestrados doutorandos, preparadores de originais de quaisquer instituições etc.
- Revisar, se tiver experiência, traduções, cotejando-as com os originais (necessita de um auxiliar em tais casos).
- Revisar textos a serem disponibilizados na internet.
- Revisar livros já publicados, objetivando uma edição revista (e/ou ampliada).

- Proceder a quantas revisões forem acordadas com o cliente. (NETO, 2008, p.62)

O revisor deve possuir domínio cultural; estar em processo de atualização permanente; demonstrar empatia; utilizar estratégias discursivas coerentes; agir com maleabilidade, resiliência; adequar o texto ao público-alvo.

Revisar não se restringe a corrigir gramaticalmente ou apontar falhas de caráter estrutural. O trabalho do revisor deve partir da essência do texto, da intencionalidade de quem o produz, sendo imprescindível considerar o objetivo comunicativo da mensagem.

A partir do desenvolvimento das novas tendências de ensino e uso da língua, o profissional de revisão, pautado nos valores de seu trabalho e envolvido com os novos processos do século XXI, reconstrói sua performance e os procedimentos de interferências.

Os erros são muito visados em qualquer meio. No texto didático, podem interromper ou impedir o aprendizado, o que requer a observação de algumas características particulares desse tipo de material: o público-alvo, os objetivos de aprendizagem, o dialogismo linguístico e demais aspectos que envolvem a produção.

Além das responsabilidades inerentes ao trabalho do revisor, outras questões são atribuídas a ele:

No que diz respeito a erros encontrados numa publicação, estes quase sempre são imputados ao revisor, sejam de ortografia, de pontuação, sejam de discrepância com o original, de supressão das partes, e muitas vezes até de diagramação. No entanto, é frequente o revisor participar de mais uma revisão e acabar perdendo o controle de seu trabalho justamente na fase final. Prazos alterados, pressa do editor, motivada por lançamento já marcado, acabam por atropelar todo o processo. E a qualidade é comprometida. (NETO, 2008, p. 64)

Isso demonstra que, culturalmente, o exercício do revisor associa-se ainda, em muito, ao papel do perfeccionismo linguístico almejado por autores e leitores.

Convém não condicionarmos o processo de revisão à mera revisão gramatical. O sentido da atividade é muito mais amplo, rico e propício a uma constante renovação e – por que não – readaptação das atividades do revisor.

Suas contribuições permitem evitar ou disseminar polêmicas, reforçar ou desconstruir ideologias, formar ou inibir o senso crítico dos leitores. Inferir sentidos, fazer adequações, sugerir sem descaracterizar a obra original tornam-se um desafio constante do profissional de revisão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As exigências requeridas para o exercício profissional nas áreas de produção de material didático e de revisão de textos contemplam, acima de tudo, um esforço de formação contínua. Não basta ao designer instrucional ou ao revisor isolar-se naquilo que considera preparação. Para lidar com textos, torna-se imprescindível conhecê-los nas suas mais variadas manifestações, o que se associa à parte rígida de sua estrutura gramatical, à parte linguística voltada para o trabalho com discursos sempre vivos. O designer instrucional e o revisor devem, por excelência, serem leitores assíduos, críticos a fim de que contribuam com a formação integral de alunos e aprendizes que serão contemplados com o material digital.

Cabe também ao revisor: inteirar-se de competências gerais inerentes ao processo de produção e formatação de material didático, inclusive das principais características do designer instrucional. O revisor deve estar sempre atualizado com seus conhecimentos prévios e suas ferramentas de consulta, tais como gramáticas, dicionários (inclusive bilíngues), manuais de redação e padronização das editoras, enciclopédias e outros livros de amparo teórico e prático.

Existem diversas novas tecnologias capazes de contribuir com produções de materiais didáticos digitais. Há ferramentas eletrônicas responsáveis por facilitar o trabalho dos profissionais de revisão. Contudo a ferramenta humana ainda é indispensável para delinear o trabalho da melhor forma e para garantir sua expressividade.

Portanto, o material didático ganha maior destaque a partir das contribuições do revisor, que deve agir no texto de modo a não descaracterizá-lo de sua função principal: atender os objetivos de aprendizagem a fim de permitir o aproveitamento do aprendiz. A construção de sentidos de um discurso está intimamente relacionada às formas de intervir no texto alheio sem destituí-lo de suas funções principais.

5 REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos (org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

COSTA, Roger Vinícius; RODRIGUES, Daniella Lopes Dias; PENA, Daniela Paula Alves. Dificuldade no trabalho do revisor de textos: possíveis contribuições da linguística. **Revista Philologus**, Ano 17, nº 51, set./dez.2011 – Suplemento. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p.53-74.

FAILA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em 08 maio 2017.

FILATRO, Andrea. **Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia**. São Paulo: SENAC, 2004.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MALTA, Roberto. **Manual do revisor**. São Paulo: WVC, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Editora Parábola. 2008.

NETO, Aristides Coelho. **Além da revisão: critérios para a revisão textual**. Brasília: Senac, 2008.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **O revisor como tradutor**. In: QUEIROZ, Sônia. (Org.). **Editoração: arte e técnica**. 2 ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2008. p.76-88. (Cadernos Viva Voz).